

SUSPENSÃO: PERCORRENDO A CIDADE ATRAVÉS DA LINGUAGEM

SUSPENSÃO: WALKING THROUGHOUT THE CITY THROUGH LANGUAGE

Desirée Ferreira / UFRGS

RESUMO

O presente artigo aborda a busca da artista por diferentes modos de percorrer a cidade de Porto Alegre e aprofundar uma reflexão poética sobre a ocupação do espaço urbano por uma mulher. Através das questões surgidas no caminhar e no processo de criação, entre 2016 e 2020, a artista desenvolveu a série *Suspensão* — três fotografias e um *Mapa-Poético*. O texto mostrará o processo anterior e a construção da série, além do desenvolvimento e definição dos *Mapas-Poéticos* que são as representações visuais de uma experiência artística.

PALAVRAS-CHAVE

Arte contemporânea; Feminismo; Fotografia; Mapas-Poéticos; Suspensão.

ABSTRACT

*This article discusses the artist's search for different ways to visit the city of Porto Alegre and deepen a poetic reflection on the occupation of urban space by a woman. Through the issues arising in the walk and the creation process, between 2016 and 2020, between 2016 and 2020, the artist developed the series *Suspensão* — three photographs and a *Mapa-Poético*. The text will show the previous process and the construction of the series; in addition to the development and definition of *Mapa-Poético*, which are the visual representations of artistic experience.*

KEYWORDS

Contemporary art; Feminism; Photography; Suspensão; Mapas-Poéticos.

“Até mesmo a vontade de caminhar sozinha nelas foi eliminada, mas não em mim”. Rebecca Solnit

Considerações Iniciais

Começo o artigo com a epígrafe da escritora Rebecca Solnit, que escreveu sobre a história do caminhar trazendo diferentes perspectivas, entre elas, a das mulheres. Criar e pensar provém do movimento para mim. Tal consciência foi desenvolvida a partir da pesquisa em poéticas visuais. O projeto *Até Onde Ela Vai*¹ começou a ser desenvolvido em 2016. A ideia inicial era acompanhar e registrar a transformação urbana na Zona Sul de Porto Alegre² através do caminhar. Conforme a realização do projeto seguia, a dificuldade em desenvolvê-lo fez-se presente pela ausência de fotografias feitas nos percursos — constatação disparadora para novas reflexões.

As caminhadas por essa zona da cidade se iniciaram sem uma metodologia específica, como artista, ansiava por realizar os percursos com os próprios pés, fotografar e escrever. Entretanto, a câmera não saía da bolsa, pois havia uma sensação de insegurança para tal. Já o bloco de anotações era preenchido com frequência. Ao chegar ao ateliê, ainda no dia, organizava os registros e escrevia em outro caderno, no qual tentava entender o significado daquele projeto. Ao conversar informalmente com outras artistas brasileiras e refletir sobre a ausência de imagens, encontrei semelhanças nos receios de avançar no espaço urbano e fotografar devido à presença da existência de barreiras geradas pelo medo da violência urbana contra a mulher.

Em 2018, ao entrar na Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)³, havia compreendido que um dos temas a serem pesquisados eram as barreiras visíveis e invisíveis presentes nos caminhos. Um dos objetivos passou a ser aprofundar uma reflexão poética sobre a ocupação do espaço urbano por mulheres desde uma perspectiva feminista, pois caminhar faz parte da evolução do ser humano, todavia, a prática deste ato como meio para reflexão e criação poética é mais recente.

A deriva como prática artística é uma aquisição moderna. Paola Jacques Berenstein aponta no livro *Elogio aos Errantes* que a emergência da errância ocorreu em movimentos vanguardistas do século XX, como o Surrealismo e o Situacionismo, que se inspiraram na prática da *flânerie* exaltada por Charles Baudelaire (1821). O poeta não concebeu essa ideia, mas o elogio que fez à perambulação do *flâneur*, em *O Pintor da Vida Moderna, serviu como referência para que artistas surrealistas, entre outros, utilizassem a errância urbana como ferramenta poética.* (BERENSTEIN, 2012).

Recentemente, o estudo teórico da caminhada despertou o interesse de pesquisadores que se dedicam a resgatar e a refletir sobre a prática da errância em diferentes áreas do conhecimento como a filosofia, a geografia e a arte. Ao pesquisar o assunto, todavia, percebe-se uma ausência de referências que tratam o tema em um contexto social, político ou de gênero. Acredito que essa abordagem é essencial para pensar a prática no cenário contemporâneo em que o caminhar é nitidamente uma forma de resistência que se vale da experiência do corpo como instrumento de produção de conhecimento da cidade.

Conforme a pesquisa avançava em direção a novos trabalhos que integram o projeto *Até Onde Ela Vai*, encontrei na caminhada uma das metodologias utilizadas que suscitou as seguintes questões: *como caminhar na cidade sem medo? Existem outras formas de percorrer uma cidade? Como aproximar ou misturar linguagens como mapas, fotografias e textos na articulação de um trabalho poético?* O resultado foi a série *Suspensão*. Exposta pela primeira vez em março de 2020, na mostra coletiva *Ensaio*⁴, em Porto Alegre, que teve o fim imposto de modo abrupto em decorrência do avanço da doença infecciosa COVID-19⁵ que instaurou o isolamento social no Brasil para evitar a sua disseminação.

Suspensão: O Processo Anterior

Caminho em uma rua da Zona Sul de Porto Alegre. De um lado, encontra-se uma avenida; do outro, o Rio Guaíba⁶. O trajeto entre o ateliê e a Orla é curto, tem menos de dois quilômetros e pode ser realizado em quinze ou vinte minutos. Entretanto, todas as vezes que entrava na rua, parava no início, lá na ponta onde a avenida cruza, e observava, ao fundo, o rio. Enxergava as árvores, escutava os sons gerados pelo vento, seguia o silêncio. O deslocamento deveria ser tranquilo, afinal, raramente tinham pessoas. A ausência humana me assustava, e se acontecesse algo? Preciso chegar lá bem, preciso chegar lá, preciso chegar, preciso. A passos apressados alcançava o fim da rua sem conseguir observar, olhar os detalhes, fotografar. A experiência foi transposta na escrita, ao rabiscar palavras em blocos de anotações. Nas rápidas idas e vindas, apenas em uma ou duas vezes, vi alguém circulando a pé nos caminhos intermediários, mesmo sendo durante o dia ou finais de tarde quando a Orla é tomada por pessoas se exercitando. Jamais fui ao local à noite.

O caminhar é uma prática recorrente para mim, perder-se no deslocamento não tanto. As rotas já estão impressas nos passos dados, porém foi preciso aprender a desaprender os caminhos, buscar saídas distintas, encontrar o acaso e como diz a escritora italiana Elena Ferrante, “[...] ouvir os nomes das ruas como o estalido dos

ramos secos, como desfiladeiros que refletem a passagem das horas.” (FERRANTE, 2017, p. 152). O espaço público fala a partir da presença e ausência da natureza, de prédios, casas, seres humanos. Nós escolhemos escutá-los ou não.

No processo poético é no fazer que as questões borbulham como o medo que cega, o corpo que reage e entra em estado de alerta impedindo a contemplação da beleza externa, ressaltando as ameaças. Um dos principais sentimentos que pautam a sociedade contemporânea é o medo ou, como o sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman (1925) aponta no livro *Confiança e Medo na Cidade*, a sociedade moderna “[...] foi construída sobre a areia movediça da contingência: a insegurança e a ideia de que o perigo está em toda parte são inerentes a essa sociedade.” (BAUMAN, 2009, p. 16). Nessa busca pela defesa em um nível pessoal, o espaço urbano se transforma e é construído a partir desse sentimento. (SOLNIT, 2016).

Lembro de um conhecido que vivia próximo à Orla do Guaíba. Em uma quinta-feira de novembro, quando o sol estava a pino, caminhávamos. Próximo ao portão dele, escutamos vozes, gritos. Ao olharmos para trás eram adolescentes. Ele acelerou o passo, “*Só para garantir, sabe?*”. Raramente chegava em casa após às 18h a pé, só de carro. “*De noite aqui é perigoso*”. Não queria ser assaltado, ter os pertences levados. Já eu, mulher, temia a violência antes de qualquer coisa. Entendi que para ele o medo morava naquela rua, enquanto para mim, estava em todas as partes. A partir disso, desejava destrinchar um aspecto específico dessas caminhadas, uma percepção que não poderia deixar de abordar: queria criar trazendo o medo urbano e a estética gerada por ele. Desta forma, surgiu a série *Suspensão*.

Suspensão: Construção da Série

Qual é o significado da palavra *suspensão*? Pode ser entendida como uma ação de suspender; uma interrupção temporária ou até definitiva. Também pode ser definida como uma falta de certeza; incerteza, dúvida, ansiedade. (FERREIRA, 2010). Essas palavras definem o caminhar nas circunstâncias citadas no presente texto. Em função disso, *Suspensão* passou a ser o nome da série de quatro imagens digitais — três fotografias e um *Mapa-Poético* —, realizadas nos primeiros meses de 2020, um dos modos de fotografar foi pela interrupção. Nas três fotografias (Figura 1) houve o ato consciente de parar diante das ruas e observar o que elas narravam antes de realizar os registros.



Figura 1. Desirée Ferreira, Suspensão, 2020. Fotografia digital. Foto: Desirée Ferreira.

Na primeira fotografia, escolhi um enquadramento central que mostrasse a predominância da natureza e a ausência das pessoas durante o dia. Na segunda, a imagem foi realizada com um recorte fechado para ressaltar o aviso pendurado em um poste que parecia ter sido feito de forma autônoma e se distinguia de placas oficiais. Ou seja, alguém o colocou naquele lugar com o intuito de alertar os transeuntes. Na terceira, há a evidência dos carros como rastros da presença humana; a escolha por um enquadramento não tão central foi com o objetivo de passar ao observador um ar de mistério reforçado pela sombra acentuada de um dos lados.

Após a escolha das três imagens para compor as fotografias da série, lado a lado, sentia que faltava algo que traduzisse as percepções do caminho. Além disso, percebia a ausência das palavras. No livro *Escritos de Artistas: Anos 60/70*, há um texto da artista Lygia Clark em que ela escreve: “Receber em bruto as percepções, vivê-las, elaborar-se através do processo, regredindo e crescendo para fora, para o mundo.” (CLARK, 2006, p. 351). O texto são anotações referentes à supressão do objeto e, ao entrar em contato com esse, encontrei uma conexão por buscar o mesmo que a artista, em meu caso, ao realizar um projeto sobre o deslocamento. Repito as perguntas que me guiavam: *como caminhar na cidade sem medo? Existem outras formas de percorrer uma cidade? Como aproximar ou misturar linguagens como mapas, fotografias e textos na articulação de um trabalho poético?*

Na caminhada, a coleta de material; no ateliê, a organização e a busca por formas de apresentação... Reúno fotografias do antes e do agora, escritos do passado e do presente, papéis impressos, cadernos, esboços. Aproximo os registros de momentos distintos em que buscava, a partir das imagens, trabalhar também com os textos (Figura 2). Perder-se nas palavras. Chegar a uma versão do ensaio, transformando em poesia, trabalhando no visual com cores, espaço e configurações.



Figura 2. Desirée Ferreira, Arquivos de Trabalho, 2020. Fotografia digital. Foto: Desirée Ferreira.

Pesquisar referências de artistas e fotógrafas que trabalham com imagens documentais unidas a outras linguagens é fundamental para o trabalho. Ao começar a buscá-las, encontrei a norte-americana Susan Meiselas. A fotógrafa usa de diferentes linguagens para criar algo novo. François Soulages, no livro *Estética da Fotografia*, escreve que a união da fotografia e do texto proporciona o nascimento de outra coisa capaz de compor uma história que poderia estar limitada pelo uso único de uma linguagem. (SOULAGES, 2010).

Na exposição *Mediações*⁷, no Instituto Moreira Salles (Figura 3), evidenciou-se a importância dos escritos para a Susan Meiselas. A união dessas duas linguagens é potente. Ela apresenta as fotografias, além dos blocos de anotações, passaportes, escritos. Atualmente, percebo que o objetivo é distinto do proposto pela fotógrafa quando se trata de conteúdo e modos de exibição; apesar do hibridismo de Meiselas, ela tem como essência a ideia de documental. Camada sob camada, ela constrói algo para contar uma história real.



Figura 3. Susan Meiselas, *Mediaciones* no IMS, 2019-2020. Fotografia Digital. Foto: Desirée Ferreira.

Mapas-Poéticos: Da Busca ao Processo de Criação

Os *Mapas-Poéticos* podem ser definidos como representações líricas das caminhadas feitas por distintas cidades. O primeiro mapa realizado foi o apresentado acima (Figura 4), referente à Zona Sul de Porto Alegre. A partir dele, eles se tornaram uma série que está em construção e que será integrante do projeto *Até Onde Ela Vai*. Os *Mapas-Poéticos* são representações visuais de uma experiência artística que vai ao encontro da psicogeografia⁸. A pesquisadora e professora brasileira Cristina Freire, no livro *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*, fala sobre a cidade como experiência estética para os artistas. Em um dos capítulos, Freire trata da apropriação da cidade e os efeitos de natureza psicogeográfica. “A psicogeografia é um método de abordagem, da cidade e possibilita a construção de mapas imaginários.” (FREIRE, 1997, p.67).

Poderão ser considerados os *Mapas-Poéticos* construções do imaginário? De fato, eles estão ligados a essa abordagem por serem realizados a partir da experiência do caminhar. Além do mais, tal como a autora diz, na psicogeografia, eles não têm um valor descritivo a ponto de serem neutros, “[...] seu interesse é de outra ordem, mais vivencial e narrativo, onde os trajetos estão amarrados às histórias e não ao presente contínuo da descrição neutra e absoluta.” (FREIRE, 1997, p.67). Não há uma busca pela neutralidade, muito pelo contrário, eles são construídos a partir da subjetividade.

Os *Mapas-Poéticos* são peças individuais construídas a partir da experiência do sensível, os quais utilizei documentos coletados durante as caminhadas para desenvolvê-los. Inicialmente, realizei poesias. Reorganizei os relatos, extraíndo frases que captaram a essência dos percursos. No computador, compus imagens digitais a partir da mistura de ferramentas e linguagens. Marquei os trajetos no *Google Maps*, reconstruindo as rotas já experienciadas pelo corpo. Tendo uma imagem base, no *Adobe Illustrator*, a renderizei⁹ e, usufruindo dos recursos do programa, desenhei e apaguei textos, alterei as passagens para, então, no *Adobe Photoshop* colocar as palavras e as frases escritas por mim como nomes de ruas. Camada a camada, chega-se ao resultado que une a poesia e a imagem, surgindo os *Mapas-Poéticos*.

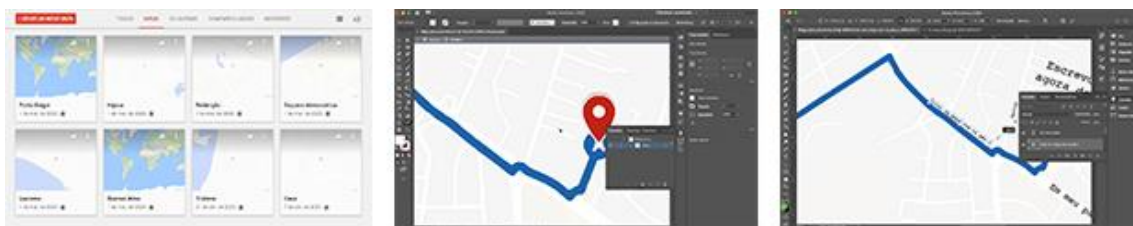


Figura 5: Captura de tela de três momentos nas ferramentas utilizadas para os *Mapas-Poéticos*, 2020.

Movida nessa direção, comecei a pesquisar mulheres artistas que trabalham com o deslocamento usufruindo de linguagens aproximadas das que eu experimentava. É o caso da brasileira Sofia Bauchwitz (1988), que desenvolveu o trabalho *Até sair do mapa* (2018) como uma instalação e *fanzine* com textos, fotografias-pinturas e esculturas de cimento. No artigo *Sair do mapa, criar o mapa: uma epistemologia errante*, a autora escreve que todas essas instâncias da obra compõem “[...] um ensaio sobre o caminhar, sobre o risco que significa ver, sobre as paisagens que criamos quando vemos e caminhamos, e sobre pintar, também.” (BAUCHWITZ, 2020). Nesse artigo, ela diz que o mapa é:

[...] uma mentira no que fixa (e quando fixa), mas é verdade no que cruza. Visto que o espaço está sempre em trânsito, o mapa criado de um dado território é sempre uma lembrança do passado, sempre desatualizado. O mapa nunca é a verdade, o que nele se diz pode que já não seja certo; suas fronteiras já mudaram no presente, estão sempre mudando. Presente e futuro parecem não existir no que se refere a habitar o espaço: quem volta ao lugar favorito, volta e voltará sempre a um lugar do passado que se atualiza com o passar do tempo – e pela ficção, também. E é que passado não é outra coisa que esse passar que vai marcando mapas em seu curso. Dizer que o lugar se atualiza no tempo é o mesmo que dizer que o lugar se traduz e é traduzido por aquele que o lembra, o narra e que a ele volta. Também por aqueles que entram em contato com essa lembrança alheia, com esse relato. (BAUCHWITZ, 2020, p. 57).

O mapa muda (BAUCHWITZ, 2020), ele está sempre em transformação tal como o caminhar, tal como a pesquisa poética que se move em distintas direções. Em 2020, diante da pandemia causada pelo Coronavírus, as possibilidades de deslocamento, o ir e vir, o andar estava interrompido. Naquele momento, já havia construído o primeiro *Mapa-Poético* (Figura 4), mas o isolamento social evidenciou o potencial do caminhar através da linguagem. Passei a me deter mais nas palavras. Apresento a peça (Figuras 6 e 7) de forma aproximada com o intuito de possibilitar a sua leitura.

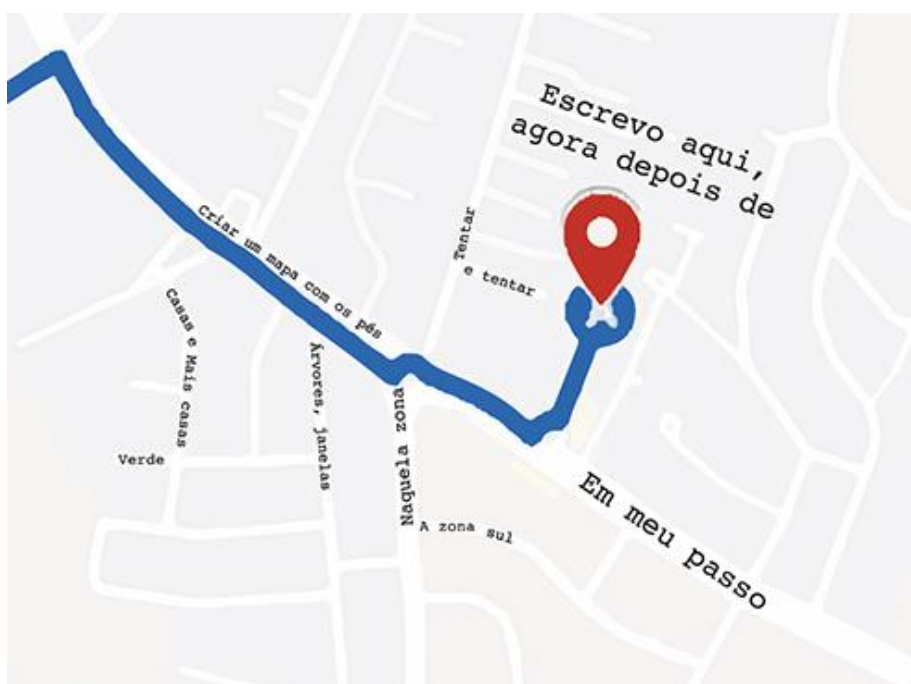


Figura 6. Desirée Ferreira, *Mapa-Poético* aproximado, 2020. Imagem Digital.

A escolha por criar um *Mapa-Poético* foi pensada com o objetivo de que o observador leia na ordem de sua preferência, construindo o seu próprio sentido. Neste texto, não farei uma análise profunda das frases, nem citarei todas, pois não gostaria de conduzir uma leitura a partir da minha perspectiva. Ao mesmo tempo, compreendo que é necessário, como artista, abordar um pouco da escrita e o que está por trás dela.

Ao observar o *Mapa-Poético*, o primeiro sentido despertado é o visual, porém, na aproximação, a leitura é possibilidade. “*Escrevo aqui, agora depois de*” assim é marcado o ponto de localização. “*Criar um mapa com os pés*”, “*tentar e tentar*”. Ao escrever e dispor essas frases, desejava traduzir as sensações que atravessaram o meu corpo, enquanto caminhava. A repetição é uma ferramenta que utilizo com o objetivo de potencializar questões e, neste caso, de evidenciar a vontade de registrar a Zona Sul de Porto Alegre — um lugar definido por características peculiares e a presença de “*verde, casas e mais casas, árvores, janelas.*”

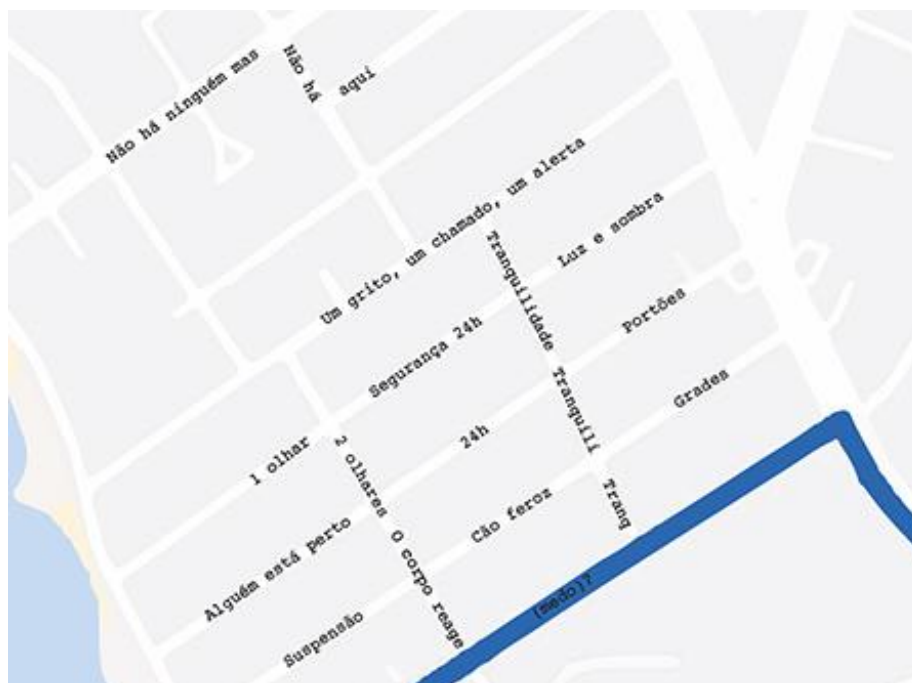


Figura 7. Desirée Ferreira, *Mapa-Poético* aproximado, 2020. Imagem Digital.

No recorte apresentado (Figura 7), há o medo como um sentimento predominante. “Não há ninguém mas, não há, aqui”, em ruas distantes das outras, essas palavras que representam a ausência humano no espaço físico. Há uma tentativa de passar as emoções provocadas pelo medo como em “Um grito, um chamado, um alerta”, “Alguém está perto, 24h, portões”, “grades”, “cão feroz”. Destaco a palavra, “suspensão” que, mais do que o título da série apresentada, ela representou um estado emocional sentido nos percursos. Na transversal “2 olhares, o corpo real” “Tranquilidade, tranquili, tranq”, a interrupção... Todas as palavras vão em direção a “(medo)?”. Algumas dessas sentenças foram escritas durante as caminhadas, outras, posteriormente construídas, pensadas e, então, dispostas nesse *Mapa-Poético*.

A palavra *medo*, diferente das outras, está entre parênteses, sozinha, em um fundo azul. Uma palavra curta, detentora de uma força devido aos diversos significados que carrega, além da sua definição. Zygmunt Bauman escreve no livro *Medo Líquido* que o “Medo é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance.” BAUMAN, 2008, p. 8). Destaquei essa frase por acreditar que traduz aquilo sentido durante as caminhadas. Interessante apontar que, derivada do latim *Metus*, além de significar *receio*, *apreensão*, consta *entusiasmo poético*. (MONIZ, 2001). A partir dessa definição, realizei uma conexão,

criei um sentido. Não será o medo o catalisador para a criação poética? Afinal, não foi ele que me levou a busca de outras formas de percorrer a cidade?

No início de 2020, participei da exposição coletiva *Ensaio*, realizada na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, no Instituto de Artes em Porto Alegre (Figura 8). A proposição da mostra era apresentar trabalhos realizados tendo como base a ideia presente no texto *Ensaio como Forma* do filósofo Theodor Adorno (1903). Aproveitei esse momento para apresentar a série *Suspensão*, impressa em papel algodão, tamanho 30x20cm. A experiência proporcionou uma troca com alguns observadores que conseguiram ter acesso à mostra até o momento em que ela foi interrompida, suspensão, em função da quarentena instaurada em março de 2020.

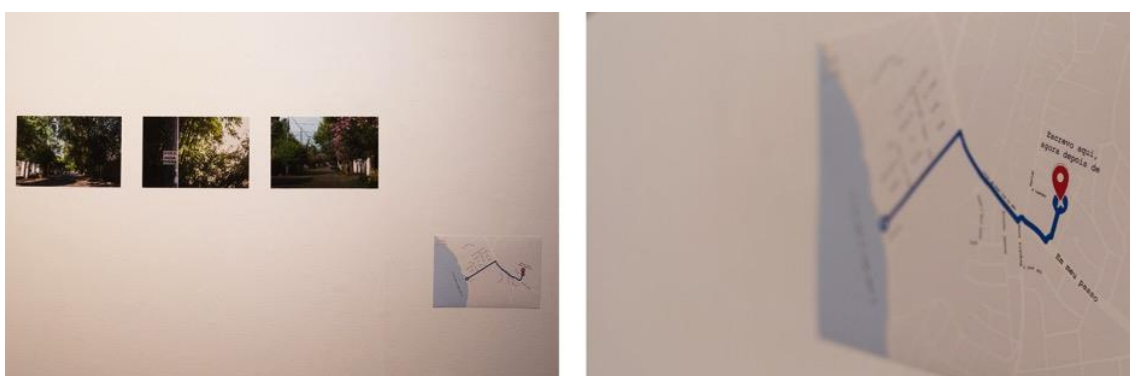


Figura 8: Fotografias e detalhes da exposição coletiva *Ensaio*.
Desirée Ferreira, 2020. Fotografia Digital.

Considerações Finais

Como caminhar na cidade sem medo? Existem outras formas de percorrer uma cidade? Como aproximar ou misturar linguagens como mapas, fotografias e textos na articulação de um trabalho poético? A busca por respostas para essas perguntas me levou a um mergulho profundo no processo de criação. Nessa imersão, encontrei o desafio de trazer a palavra para superfície e desenvolver um trabalho em que a linguagem possibilitaria o deslocamento na cidade, o resultado foi a série *Suspensão*.

O desejo de percorrer a cidade para registrá-la se transformou em desafio, como mostrado no início deste texto. Ao realizar os percursos, encontrei as barreiras visíveis e invisíveis no espaço urbano que pareciam impossíveis de ultrapassar. Desta forma, comecei a buscar distintas maneiras de fazer isso. A palavra com toda a sua potência demonstrou novas possibilidades.

Na presente escrita, desenvolvi uma breve reflexão sobre o processo de criação da série *Suspensão*. Comecei narrando os desafios encontrados no caminhar e o surgimento de questões que no decurso do processo redundaram em investigações de linguagens ainda não experimentadas em minha produção como os *Mapas-Poéticos*. Desenvolvidos em 2020, eles são uma ponte entre a prática de imersão na rua, sensorial, ativa e exposta, imprevisível; e o mergulho intimista, entre quatro paredes, em um exercício poético controlado, proveniente de uma experiência, porém com um novo repertório e tempo para experimentação e com linguagens diferentes que se cruzam.

Expor relatos íntimos era um desafio, todavia tornar público as barreiras cotidianas que enfrentamos era uma necessidade. A fotografia e a escrita entram como ferramentas essenciais para tornar visível os impedimentos, pois, por muito tempo e ainda hoje, muitas de nós, mulheres, somos acostumadas a nos calar mesmo quando deveríamos gritar. Artistas e escritoras feministas discorrem sobre a importância de transpassar esses silêncios “[...] e estender uma ponte sobre nossas diferenças, porque não são as diferenças que nos imobilizam, mas o silêncio. E restam tantos silêncios para romper!”. (LORDE, 2007, p. 9, tradução nossa)¹⁰. Talvez para o corpo siga sendo difícil percorrer Porto Alegre, mas não significa que a linguagem não possa fazer isso. Através de ferramentas, consigo caminhar, percorrer e criar.

Notas

¹ O projeto *Até Onde Ela Vai* começou a ser desenvolvido em 2016 gerando séries fotográficas conectadas ao

tema central da pesquisa. Entre elas, a série *Suspensão*, apresentada neste artigo.

² A Zona Sul é uma parte de Porto Alegre distante do centro e que teve um desenvolvimento posterior a outros lados da capital, sendo reconhecida pela existência da natureza.

³ O texto apresenta um recorte da pesquisa de mestrado que está em desenvolvimento na Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desde agosto de 2018, onde a autora é bolsista de mestrado (CAPES) desde agosto de 2019. A autora é orientada pela Profa. Dra. Cláudia Zanatta e faz parte do Grupo de Pesquisa Poéticas da Participação (<https://bit.ly/2MVaP5g>).

⁴ A exposição apresentou resultados na forma de produções visuais e textuais produzidos na disciplina Tópico Especial II - Ensaio como forma, ministrado pela Profa. Dra. Sandra Rey no II semestre de 2019, do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV). A proposição da mostra realizada na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, no Instituto de Artes em Porto Alegre, era apresentar ensaios tendo como base o texto do filósofo Theodor Adorno (1903). Na exposição apresentei a série de quatro imagens impressas em papel algodão, tamanho 30x20cm.

⁵ COVID-19 é uma doença causada pelo Coronavírus (CID10).

⁶ O uso da nomenclatura “Rio Guaíba” é afetiva e local, pois, apesar de ser geograficamente incorreta (trata-se de um estuário e não de um rio), a maioria dos porto-alegrenses se refere assim ao Guaíba. Desta forma, como o trabalho se reporta a uma dimensão afetiva do local, optei por manter essa designação no texto.

⁷ A exposição *Mediações* ocorreu entre outubro de 2019 e fevereiro de 2020, no IMS de São Paulo, e mostrou a trajetória da fotógrafa norte-americana Susan Meiselas.

⁸ Cristina Freire fala sobre esse tema a partir dos situacionistas históricos. A Psicogeografia foi definida por Guy Debord, em 1955, para tratar dos efeitos que o ambiente geográfico opera sobre as emoções e o comportamento dos indivíduos.

⁹ A palavra *renderizar* neste artigo está sendo usada para definir um processo digital pelo qual se converte símbolos gráficos em imagens em um arquivo visual capaz de serem processados em distintos tamanhos.

¹⁰ “[...] bridge some of those differences between us, for it is not difference which immobilizes us, but silence. And there are so many silences to be broken.”

Referências

ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.^[1]^[2]

BAUCHWITZ, Sofia Porto. Sair do Mapa, criar o mapa: uma epistemologia errante. In: **Revista Palíndromo**. Palíndromo, v. 12, n. 26, p. 52-60, jan/abr 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/palindromo/article/download/14620/10911>. Acesso em: 23 mar. 2020.

BAUCHWITZ, Sofia Porto. **Site da artista**. Disponível em: <https://www.sofiabauchwitz.com/ate-sair-do-mapa>. Acesso em 05 de março de 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERENSTEIN, Paola Jacques. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

CLARK, Lygia. DA SUPRESSÃO do objeto (anotações). In: **Escritos de Artistas: Anos 60/70**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 350-355.

FERRANTE, Elena. **Frantumaglia: os caminhos de uma escritora**. Rio de Janeiro: Íntrínseca, 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. 1. ed. São Paulo: Annablume: SESC, 1997. 317p .

LORDE, Audre. **Sister outsider**. New York: Crossing Press, 2007

MONIZ, Fábio Frohwein de Salles. **Latim-Português**. Portugal: Porto Editora, 2001.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016

SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

Desirée Ferreira

Mestranda em Poéticas Visuais no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da UFRGS (PPGAV-UFRGS). Graduada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela ESPM-Sul (2014). Artista e pesquisadora já participou de diversas exposições coletivas. Trabalha com temas relacionados a ocupação do espaço urbano e ao feminismo tendo como principais linguagens de transbordamento a fotografia e a palavra. Contato: barrosfdesiree@gmail.com